

**Valdirene Ganz** A importância do livro de André Luis Soares, *Guarani. Organização Social e Arqueologia* (1997), é justamente a abordar um tema que tem sido pouco privilegiado na literatura Guarani: o da organização social. Soares consegue dar-nos uma visão panorâmica do que pode ter sido a organização social entre os Guarani dos primeiros séculos do contato. O autor desenvolveu sua pesquisa, para obtenção de seu mestrado em arqueologia, a partir de material bibliográfico sobre os Guarani. Suas fontes são provenientes tanto da arqueologia, como da antropologia e da história.

Quem conhece um pouco da literatura Guarani, vê-se diante de um trabalho inovador, visto que o autor desenvolve um assunto em falta para a compreensão da sociologia do grupo; mas, de outro lado, percebe-se diante de um impasse, pois esses Guarani não se parecem com aqueles da literatura contemporânea. Isso acontece, talvez, porque os Guarani têm sido abordados em perspectivas que não colocam os elementos da sua cultura nos termos aqui estabelecidos.

Mesmo considerando que os Guarani contemporâneos de guerreiros tornaram-se ascetas, ainda assim é difícil imaginá-los como dominadores e guerreiros, com o único objetivo de obter prestígio. É provável que essa seja a contra-face de sua espiritualidade evocada na literatura recente. De qualquer forma é preciso antes que mostremos em que contextos a idéia do prestígio é evocada.

Referindo-se à questão da residência pós-marital e ao pertencimento à linhagem nos primeiros anos do contato, Soares afirma que dependiam do prestígio do noivo ou do seu sogro, no sentido de por aí se determinar o local de moradia ou a linha de pertencimento de um dos membros da família extensa. De qualquer forma, o prestígio do chefe religioso ou político interferia na escolha da linhagem, inclusive

se ele estivesse envolvido na aliança a ser consumada. Segundo o autor, este padrão de localidade parece vigorar ainda entre alguns subgrupos Guarani modernos.

A família extensa Guarani compreendia: “os parentes sangüíneos, políticos, adotivos, dentro de uma concepção bilateral de parentesco” (: 75). A família extensa era considerada a célula econômica entre eles e a base do prestígio do chefe, seja político e/ou religioso. No caso Guarani, o autor menciona que podemos pensar num *kindred*, ou seja: “num grupo de parentes ligados por laços sangüíneos e de afinidade em torno de uma pessoa de prestígio.” (73).

Podia acontecer também, uma relação de evitação entre genro e sogro, no sentido de uma disputa política para conseguir prestígio, caso um deles concorresse a chefia. Se o genro alcançasse prestígio, poderia sair da casa dos pais da moça para fundar sua própria família extensa. Nos casos de evitação, a mesma estendia-se a irmãos e primos paralelos do sogro e da sogra. Nesse mesmo sentido, caminhava também a relação entre nora e sogra.

Das instâncias da organização social, Soares refere-se a família extensa, composta por várias famílias nucleares, que ocupavam uma mesma casa; a aldeia – núcleo social – formada por várias famílias extensas; a união sócio-política das aldeias, chamada por eles de *tekoá* e a reunião de vários *tekoás*, denominada de *guará*. Conforme documentação histórica, existiam vários desses *guarás*, motivo para a afirmação de Soares da possível existência dos cacicados entre os Guarani.

Antes do autor comentar da localidade, ressalta a importância das mulheres na formação da família extensa, do ponto de vista social e econômico. Assinala ainda, a importância dos ancestrais, como os fundadores das casas referentes às famílias extensas, ou dos antepassados, como aqueles que fazem o Guarani se lembrar de seu modo de ser, o *ñande reko*.

Quanto ao prestígio, o autor relaciona-o a outros elementos do *ethos* Guarani. Os Guarani tinham como uma de suas qualidades querer agregar “vassalos”, seja entre eles ou entre membros de grupos não-Guarani. A qualidade dos Guarani de guerreiros desembocava num fenômeno conhecido entre eles como guaranização, ou seja, trazer para os seus grupos membros de outras etnias, incorporando-os às famílias extensas.

No caso da relação com os colonizadores, a vantagem se dava principalmente com a troca de nomes, motivo de prestígio. Se os Guarani cediam mulheres, tomavam em troca nomes e o prestígio de ter esses novos cunhados. Este ponto aponta para outro fenômeno importante entre os Guarani, o *cuñadasgo*, ou seja, a possibilidade de ter muitos cunhados e os benefícios que disso podiam tirar. Estas alianças políticas aconteciam geralmente entre líderes políticos Guarani e os europeus. O *cuñadasgo* era a forma dos Guarani estabelecerem relações entre

afins. Esta relação consistia, nas palavras do autor, em “formar alianças entre cunhados baseado nas regras de reciprocidade e parentesco” (:84)

Soares dividiu a relação dos Guarani de *cuñadasgo* com os espanhóis em dois momentos: “prestígio da troca de nomes com seus cunhados e segundo, a mudança no papel social da mulher” (:85). Também é importante assinalar, a relação entre os termos inimigo e cunhado na terminologia analisada pelo autor.

Isto significa que para os Guarani, os parentes podem ser políticos, adotivos, somando-se aos sangüíneos. Tanto para os Guarani, como entre outros Tupi, as relações acontecem entre parentes, amigos e pessoas adotadas. A escravização era um meio, junto do *cuñadasgo* e das guerras, de expandir o território.

Soares afirma que o sistema de parentesco Guarani seria do tipo complexo. O autor sustenta essa idéia, primeiramente, baseando-se na análise da terminologia de parentesco e, em segundo lugar, por causa daquela característica do *ethos* Guarani, a busca pelo prestígio. Através da guaranização e do *cuñadasgo*, os Guarani poderiam conseguir prestígio. Este talvez seja um motivo que explique, conforme o autor, a continuidade da cultura Guarani por tantos séculos.

Também é digno de nota o fato de que a endogamia é encontrada em registros sobre os Guarani desde o século XVI. São noticiadas ainda as práticas do sororato e levirato. Essas práticas visavam: “tanto a obter o potencial sócio-econômico-biológico da mulher como o dos cunhados (enquanto alianças, grupos de trabalho, guerra, etc)” (:102). A poligamia entre os grandes chefes era uma maneira de conseguir prestígio pela quantidade de pessoas que iam sendo incorporadas. Assim como os chefes políticos podiam lutar entre si para “avassalar”: “os parentes sociais, fossem sobrinhos, cunhados ou filhos adotivos” (:132).

A organização social e política dos Guarani dependia das lideranças de suas quatro instâncias: a família extensa, a aldeia, o *tekoá* e o *guará*. Apesar de o autor ressaltar que a liderança religiosa possuía permanentemente maior força, uma vez que a liderança política era mais enfatizada em períodos de guerra.

Questão importante de se mencionar, em se tratando das características do *ethos* Guarani destacadas pelo autor, é o valor da dominação, meio da obtenção de pessoas e de prestígio. A consciência de identidade entre os Guarani e deles em relação aos não Guarani e a cooptação de pessoas para seu grupo, reforçava a identidade, como era condicionada por ela.

Outro valor fundamental entre eles é o da reciprocidade, ou o que se convencionou chamar entre eles, de a economia de reciprocidade, a idéia da troca e das relações entre as várias instâncias da vida social. A reciprocidade, levada a cabo com os convites, era uma forma de se obter prestígio e assim de perpetuar o modo de ser dos Guarani. O autor acredita que estes valores sejam a explicação para a continuidade cultural dessa sociedade por

tantos séculos, e que a economia de reciprocidade seria também uma chave para a compreensão da crença na Terra Sem Mal.

Aqui deparamo-nos com um problema para pensar os Guarani, pois afirmar que a economia, a política, o parentesco e, dessa forma, a organização social como um todo tinha (tem ainda?) como princípio diretor e estruturante o prestígio, não nos elucida qual é a concepção do grupo, ou seja, não fica claro que peso simbólico essa idéia guarda, ou melhor, qual a idéia que eles fazem de prestígio, mesmo porque esse valor-idéia, para usar uma terminologia dumontiana, parece hierarquicamente dominante na sociedade Guarani.

Pelo que se conhece na literatura sobre essa sociedade, os valores parecem ser bem outros; o que evoca – apesar da continuidade cultural que o autor defende e que de fato procede em alguns aspectos e sobre o período que ele se concentrou –, mudanças. Do mesmo modo, parece ainda estranho que a religião aqui apareça como apenas um elemento da vida social, mesmo que o autor tenha feito a pesquisa enfocando outros aspectos. Na literatura Guarani, e não somente dos trabalhos atuais, a religião é vista geralmente como elemento predominante da organização social e das características definidoras de seu *ethos*, inclusive nas caracterizações de sociedades Tupi feitas mais recentemente.

Tendo em conta que o trabalho do autor não é em antropologia, apesar de seu cuidado em pesquisar também nessa área de conhecimento, fica para os estudiosos da área pensar em respostas para as questões que foram por ele desenvolvidas. Para finalizar, a contribuição do autor propicia-nos enxergar os Guarani numa outra situação, a da sua vida mundana – acrescentando, dessa forma, outra imagem que não aquela já conhecida, a de figuras ascetas.

---

**Valdirene Ganz** é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFPR.